

No Primeiro Aniversário do Martírio de Sha'aban Ahmad Al-Dalou (2004–2024)

Irmãos e irmãs na Palestina e todos que estão conosco contra a tirania,

hoje marcamos um ano desde o martírio de **Sha'aban Ahmad Al-Dalou**, um filho de Gaza, um hafiz do Alcorão, um jovem brilhante e gentil. Ele deveria estar aqui conosco agora, celebrando seu vigésimo primeiro aniversário. Deveríamos estar celebrando sua maioridade, seus estudos, seus sonhos. Em vez disso, reunimo-nos em luto – porque ele foi arrancado de nós à força, tirado da vida pelos criminosos selvagens mais vis que já pisaram nesta terra.

Na noite de **14 de outubro de 2024**, o céu acima do Hospital dos Mártires de Al-Aqsa ardia vermelho com chamas. Tendas que abrigavam deslocados, famílias que pensavam ter encontrado refúgio sob a proteção do direito internacional, tornaram-se uma fornalha. E dentro de uma dessas tendas estava Sha'aban, recuperando-se de ferimentos, conectado a um soro, com sua mãe sentada ao seu lado. O ataque transformou seu abrigo em uma gaiola de fogo. Seu pai correu para as chamas, arrastando crianças para fora com sua própria carne queimando, mas não conseguiu alcançar seu filho mais velho. Seu irmão tentou atravessar a parede de chamas, mas foi puxado para trás. E enquanto o inferno o engolia, o último ato de Sha'aban não foi de medo, mas de fé: ele ergueu o dedo na Shahada, proclamando a Unicidade de Deus ao retornar para Ele. Sua mãe também foi consumida pelo fogo enquanto rastejava pelas chamas, seu corpo quebrando. Quatro dias depois, seu irmão mais novo, Abdul Rahman, seguiu-os no martírio.

Esses não foram acidentes. Não foram tragédias naturais. Foram crimes deliberados, cometidos por uma ocupação que bombardeou casas, escolas, mesquitas e hospitais, e depois ousou chamar o massacre de crianças de “autodefesa”. Eles assassinaram Sha'aban enquanto ele estava ferido no pátio de um hospital. Roubaram sua vida e, com ela, o futuro que ele sonhava – de medicina, de engenharia, de servir sua família e seu povo.

E que vida ele viveu, mesmo em apenas dezenove curtos anos. Sha'aban memorizou o Alcorão quando menino, enchendo sua família de orgulho. Ele se destacou na escola, alcançando **98% nos exames Tawjihi**, abrindo as portas para qualquer caminho de estudo. Ele ansiava por ser médico, mas quando a pobreza fechou essa porta, ele perseguiu a engenharia de computadores com igual dedicação. Mesmo durante a guerra, ele se recusou a abandonar sua educação – caminhando longas distâncias sob drones e bombas para encontrar acesso à internet, conectando-se às aulas em meio a bombardeios.

Ele não era apenas um estudante, mas um filho do dever. Como o filho mais velho, ele carregava os fardos de sua família. Ele doou sangue quando os hospitais de Gaza ficaram sem suprimentos. Ele gravou apelos em árabe e inglês, pedindo ao mundo que visse, ou-

visse, agisse. Ele disse: *“Eu costumava sonhar grandes sonhos, mas a guerra os destruiu, deixando-me fisicamente e mentalmente doente.”* Mesmo em seu desespero, ele continuou sonhando – não para si mesmo, mas para sua família, para Gaza, para um amanhã que nunca chegou.

Seu irmão Muhammad o chamou de “meu apoio, meu amigo, meu companheiro”. Sua mãe o chamava de seu filho exemplar. Para sua comunidade, ele era uma inspiração. E para o mundo, após seu martírio, ele se tornou um símbolo. As imagens virais de seus momentos finais – seu corpo em chamas, o dedo erguido na Shahada – abalaram a consciência de milhões. Sua história foi contada em parlamentos, escrita em jornais, sussurrada em orações por todos os continentes. Sha’aban, um garoto de Gaza, tornou-se um espelho para o silêncio da humanidade.

Um ano se passou, mas a dor não diminuiu. Pelo contrário, a ferida se aprofundou. Cada dia que acordamos sem ele nos lembra não apenas de sua ausência, mas da crueldade que o levou. Deveríamos vê-lo agora, aos vinte e um anos, entrando na idade adulta, talvez se formando, talvez noivo, talvez carregando novas esperanças. Em vez disso, vemos apenas o túmulo onde ele repousa ao lado de sua mãe e seu irmão mais novo.

E, no entanto, Sha’aban não se foi. Ele está vivo com seu Senhor, sustentado de maneiras que não podemos ver. Sua memória vive em cada coração que se recusa a esquecer, em cada voz que clama por justiça, em cada criança de Gaza que ainda sonha apesar das bombas.

Glória aos Mártires

Que Allah tenha misericórdia da alma de Sha’aban, de sua mãe Alaa, de seu irmão mais novo Abdul Rahman, e de todos os que caíram. Que Ele lhes conceda os mais altos graus no *Jannah al-Firdaws*, na companhia dos profetas, dos verdadeiros, dos justos e dos mártires. Que Ele cure os corações dos vivos, e que o sacrifício deles seja uma luz que nos guie rumo à justiça e à libertação.

“E não pensem que aqueles que foram mortos na causa de Allah estão mortos. Pelo contrário, eles estão vivos com seu Senhor, recebendo provisões.”

- Surah Āl ‘Imrān (3:169)

Sha’aban, não te esqueceremos. O mundo pode desviar os olhos, mas carregamos teu nome, teu sorriso, teus sonhos. Você foi arrancado de nós pelo fogo, mas tua luz brilha mais forte que a escuridão que tentou te consumir.